



Fotojornalismo *in loco*: relato de experiência sobre o cotidiano fotojornalístico no Novo Jornal¹

Arthur de Oliveira ROCHA²
Itamar de Moraes NOBRE³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN

RESUMO

Relata-se a experiência vivenciada durante visita realizada ao Novo Jornal⁴, em maio de 2012, para acompanhar *in loco* o trabalho do repórter fotográfico Argemiro Lima. A finalidade é compartilhar as percepções sobre a prática do fotojornalismo, permitindo compreender como se comporta o fotojornalista num jornal diário da cidade de Natal/RN. Foram utilizadas as técnicas da observação, registro fotográfico, pesquisa bibliográfica e entrevista aberta. Abordou-se temas como a popularização das câmeras digitais, dos softwares de tratamento e manipulação de imagem, o uso do equipamento fotográfico, remuneração do trabalho do fotojornalista e as exigências do mercado de trabalho para estes profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Fotojornalismo; Repórter fotográfico; Novo Jornal; Argemiro Lima.

1. INTRODUÇÃO

A fotografia, originada num ambiente positivista, era vista praticamente apenas como o registo visual da “verdade”, por isso mesmo acaba sendo adotada pela imprensa. Contudo, ainda alvo de muitas restrições, a fotografia era utilizada apenas de modo ilustrativo e não informativo, sendo dispensada por muitos veículos da época, em especial os mais conservadores.

Os editores, ainda presos a uma mentalidade e rotina produtiva literária, resistiram durante muito tempo usar a fotografia junto ao texto, porque não davam credibilidade à seriedade da informação fotográfica e porque as fotografias não se

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação do 9º período do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRN. Integrante do Grupo de Pesquisa PRAGMA - Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústria cultural e cidadania, da UFRN email: arthurd.oliveira@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da UFRN. Pesquisador do Grupo de Pesquisa PRAGMA - Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústria cultural e cidadania. Integrante do Grupo de Estudos BOA-VENTURA - CCHLA/UFRN, em convênio com a Universidade de Coimbra-Portugal. Membro do Núcleo de Pesquisa: Fotografia, da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Membro da REDE FOLKCOM – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. e-mail: itanobre@gmail.com.

⁴ Jornal localizado no bairro da Ribeira, Natal/RN, é o mais recente dos jornais da capital potiguar. Dirigido pelo jornalista Cassiano Arruda Câmara, está em seu quarto ano de publicações diárias.



enquadrariam na cultura jornalística dominante na época. A restrição da publicação de fotografias também se devia à tecnologia ainda pouco desenvolvida para reproduzi-las e disseminá-las como mídia de massa. Somente na Inglaterra (1904), no Daily Mirror, e na França (1910), no jornal Excelsior, as fotografias passam a ser usadas como meio informativo e não ilustrativo, com o intuito de legitimar e credibilizar o texto jornalístico.

Para Sousa (1998), as fotografias jornalísticas devem ser encaradas como “artefactos de gênese pessoal, social, cultural, ideológica e tecnológica” (SOUSA, 1998, p.2). As primeiras manifestações do que viriam a se tornar as fotografias jornalísticas ocorrem quando os “primeiros entusiastas da fotografia apontaram a câmara para um acontecimento, tendo em vista fazer chegar essa imagem a um público, com intenção testemunhal”. (SOUSA, 1998, p.19).

A prática fotojornalística é fundamental nos jornais impressos, revistas, portais e sites, principalmente numa sociedade contemporânea da informação, sufocada com o advento de tantas novas tecnologias digitais. Através das fotografias, as notícias se tornam mais atrativas, possibilitando uma melhor compreensão e interpretação dos fatos por parte do leitor. Na vida contemporânea, a fotografia também desempenha um papel capital, no sentido mercadológico da palavra. É difícil encontrar uma atividade humana que não a empregue, a fotografia “tornou-se indispensável para a ciência e para a indústria. Está na origem de *mass media* como o cinema, a televisão e as *videocassettes*. Ela dá-se a ver diariamente em milhares de jornais e revistas” (FREUND, 1995, p.20).

A fotografia permite mais credibilidade ao veículo e à informação transmitida. Mas, para que isso aconteça, é necessário que texto e foto estejam em harmonia, no que diz respeito à harmonia entre informação visual e textual. As técnicas da linguagem fotojornalística apreendidas pelo fotógrafo, o manejo adequado do equipamento fotográfico, os conhecimentos de enquadramentos, planos e ângulos, a percepção e a construção de pontos de vista é que fazem da foto um elemento exponencial para chamar atenção do leitor para que o jornal seja comprado e a notícia lida e apreciada.

Um dos traços mais característicos da fotografia é ser igualmente recebida em todas as camadas sociais, além disso, “o seu poder de reproduzir exactamente a realidade exterior – poder inerente à sua técnica – empresta-lhe um carácter documental e fá-la aparecer como o processo de reprodução mais fiel, o mais imparcial, da vida social” (FREUND, 1995, p.20). Por isso, a fotografia é um recurso tão utilizado no jornalismo contemporâneo. Ela é a prova documental de algo ocorrido, sendo assim, o



profissional da fotografia atua como um documentarista que permite o registro imagético dos acontecimentos de um determinado local ou região num espaço de tempo. Neste caso, temos o estado do Rio Grande do Norte, através das lentes de Argemiro Lima, fotógrafo do Novo Jornal.

Os fotojornalistas usam métodos diferenciados de abordagem dos assuntos, possuem estilos próprios. Cada pauta que assumem requer uma postura diferente. Há variações no relacionamento com o repórter de texto de cada matéria e mesmo na relação com a fonte. Cada cenário onde ocorre o fato e cada personagem envolvida no acontecimento permite diferentes formas do fazer fotográfico.

Neste relato, Argemiro Lima foi o repórter fotográfico que teve seu expediente de trabalho acompanhado. Ele é fotojornalista e editor de fotografia do Novo Jornal. O foto-repórter foi acompanhado em três pautas: fotografar a psicóloga que daria apoio a uma criança de dez anos que teve mãe e avó assassinadas no mesmo dia; fotografar Sílvia Bezerra, o presidente da Ecocil⁵ para compor a publicação de aniversário da coluna do jornalista Cassiano Arruda; e fotografar a redação do Novo Jornal para matéria sobre uma pesquisa que apontou o Novo Jornal como o terceiro jornal impresso que mais cresceu em assinaturas em todo o país no ano 2011.

Acompanhou-se o deslocamento dos jornalistas nos locais de apuração, entrevista e registro fotográfico, bem como a volta para a redação, a fim de observar o processo de tratamento e edição, bem como armazenamento e identificação em arquivo.

2. METODOLOGIA

Conhecer de forma prática o dia-a-dia do repórter fotográfico numa redação é fundamental para o aprendizado completo do estudante de Jornalismo. Na disciplina Fotojornalismo, através do projeto “Um dia na redação”, que durante uma semana direciona cada aluno da disciplina a um jornal de sua escolha para acompanhar durante um turno (manhã ou tarde) o trabalho de algum dos fotógrafos das redações dos jornais diários da cidade de Natal/RN. Este artigo foi desenvolvido como relato de experiência a partir da visita feita ao Novo Jornal para acompanhar o expediente do fotojornalista Argemiro Lima, também editor de fotografia do Novo Jornal. Ele era o único fotojornalista em horário de trabalho no momento da visita.

⁵ Empresa do ramo da construção civil, localizada no bairro da Candelária, Natal/RN.



O objetivo foi observar, descrever e analisar a rotina de trabalho do repórter fotográfico, obtendo material para produção deste trabalho através da técnica de observação, “processo empírico por intermédio do qual usamos a totalidade dos nossos sentidos para reconhecer e registrar eventos factuais” (VIANNA, 2007, p. 14), que depois foi registrada através do relato descritivo da ação observada. Utilizou-se também a entrevista aberta, a pesquisa bibliográfica e o registro fotográfico.

Foram observados os seguintes aspectos: planos e ângulos, enquadramentos, recebimento e execução das pautas, relação do repórter de texto com o fotojornalista, abordagem do fotógrafo com as fontes e personagens das matérias, tratamento e edição das imagens, armazenamento do material fotográfico do jornal, dinâmica do trabalho na redação, ofício do fotojornalista, uso do equipamento, visão do profissional quanto aos equipamentos, remuneração e ao ofício em si.

3. O NOVO JORNAL

O Novo jornal, localizado no bairro da Ribeira, é o mais recente dos jornais da capital potiguar. Tendo como diretor o jornalista Cassiano Arruda Câmara, o Novo Jornal está em seu quarto ano de publicações diárias sobre os mais variados assuntos do estado. O jornal, de formato standard, surgiu com a ideia de ser literalmente novo, ousando na diagramação, abusando dos recursos gráficos e fotografias, explorando uma linguagem menos engessada que é comum nos jornais diários. Por prezar pelo recurso visual, o veículo conta com uma equipe de fotógrafos destinados especificamente a este trabalho, não acumulando funções de repórter de foto e texto, o que garante melhor qualidade das imagens obtidas nas coberturas jornalísticas.

Na pesquisa baseada em informações do Instituto Verificador de Circulação (IVC), realizada pela Associação Nacional dos Jornais (ANJ), o Novo Jornal foi apresentado como o terceiro jornal no Brasil que mais cresceu em assinaturas no ano de 2011, com aumento de 51%. Tal fato corrobora o destaque que o Novo Jornal vem alcançando dentro do meio jornalístico e o crescimento na procura do leitor potiguar por esse veículo de comunicação, como fonte de informação e entretenimento.

O Novo Jornal se divide nas seguintes editorias: Últimas, Principal, Opinião, Política, Economia, Cidades, Cultura, Opinião e Esportes. Há uma equipe de cinco fotojornalistas para a cobertura dos três turnos de atividade do jornal: Vanessa Simões, Magnus Nascimento, Ney Douglas, Humberto Sales e Argemiro Lima.



4. ROTEIRO DE VISITA AO JORNAL

A visita ao Novo Jornal, que se pautou pelo horário de expediente do repórter fotográfico, teve início às 14h - horário de chegada de Argemiro à redação. O próximo fotógrafo só estava escalado para trabalho no fim da tarde para cobertura fotográfica que se estenderia até o turno da noite.

Assim como nas redações da maioria dos jornais, o número de fotógrafos é bem reduzido, tendo em vista redações cada vez mais enxutas, a prova disso é a presença de apenas um fotógrafo no período da visita. Na redação, ficam os repórteres de texto, o chefe de reportagem, a secretária da redação e os repórteres fotográficos. No entanto, os computadores da redação são de uso para os repórteres de texto. Os repórteres fotográficos utilizam outra sala com computadores exclusivos para descarregar as fotos, fazer edição de imagens, tratamento, armazenamento e identificação das fotografias.

É o chefe de reportagem quem encaminha a pauta de cada repórter e o fotógrafo que irá acompanhá-lo. As pautas ficam afixadas num mural e assim são entregues impressas aos repórteres de texto. Os fotógrafos apenas os acompanham para fazerem os registros fotográficos, eles não recebem a pauta como também não participam das reuniões de pauta do jornal, o que demonstra a pouca participação dos fotorepórteres nas decisões editoriais do veículo.

A necessidade de uma cobertura ser feita por repórter de texto e de imagem é que “a fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual” (SOUSA, 2002, p.9). No entanto, “a fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem” (SOUSA, 2002, p.9). Ou seja, imagem e texto devem fazer um casamento perfeito para informar com credibilidade e construir sentido de forma completa.

Um mesmo fotógrafo fica responsável por fazer o registro fotográfico de várias matérias de repórteres distintos num mesmo expediente, a não ser quando se trata de uma pauta que exige a presença permanente do repórter fotográfico, como uma movimentação de rua, greve, incêndio, atentado, fuga de presos, etc.

Como não foi o caso desta visita, todas as pautas precisavam de fotografias mais objetivas e mais ou menos pré-determinadas: foto da psicóloga, podendo ser em plano médio (um boneco); uma foto mais descontraída do presidente da Ecocil para compor edição de aniversário de uma coluna; e uma foto horizontal em plano geral enquadrando



toda a redação do próprio jornal. Nos três casos, os referenciais já sabiam previamente que seriam fotografados e já haviam dado autorização para tal.

Para Jorge Pedro Sousa (2002), sempre que possível, o fotógrafo deve preferir a utilização da luz natural à iluminação artificial nas fotografias de retrato. Contudo, nas três pautas acompanhadas, todas as fotos seriam feitas em locais fechados e com iluminação artificial, sendo duas das fotos do tipo retrato.

5. O FOTOJORNALISTA

O fotojornalista é o profissional da fotografia que trabalha especificamente com a cobertura de acontecimentos jornalísticos. Nas palavras de Jorge Pedro Sousa (2002), um fotojornalista fotografa assuntos de importância momentânea, da atualidade, chamados “quentes”, no jargão jornalístico. Para desempenhar um bom trabalho, esses profissionais da imagem, independente da editoria para qual sejam pautados, precisam ter “sensibilidade, capacidade de avaliar as situações e de pensar na melhor forma de fotografar, instinto, rapidez de reflexos e curiosidade” (SOUSA, 2002, p.9).

Argemiro Lima trabalha com fotografia há cerca de 40 anos. Nesse período todo, teve tempo suficiente para aprimorar o olhar perspicaz, o sentido de oportunidade e os reflexos rápidos. Afinal, para um repórter fotográfico, é preciso “ter um olhar selectivo porque tem de seleccionar um instante e um enquadramento capazes de representarem o que aconteceu” (SOUSA, 2002, p.10).

Ainda jovem, Argemiro começou como auxiliar de fotógrafo, emprego arrumado por familiares com pessoas conhecidas que trabalhavam com estúdio de fotografia. Na época, década de 1970, havia apenas dois estúdios de fotografia na cidade de Natal, Expo e Dumbo. Argemiro trabalhava revelando, lavando, secando e cortando as fotografias. Só depois de alguns anos como assistente é que ele passa a trabalhar com suas próprias fotografias. Trabalhou em agências de publicidade, assessorias de comunicação e em diversos jornais, como A República⁶, Diário de Natal⁷, Tribuna do Norte⁸, Jornal de Hoje⁹ e, desde a fundação, no Novo Jornal.

⁶ Primeiro jornal da cidade de Natal/RN, fundado por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão em 1889. Localizado no bairro da Ribeira, tornou-se, em 1928, órgão oficial do Estado do Rio Grande do Norte, onde também era produzido o Diário Oficial do Estado. Hoje, nas instalações de A República, funciona o Museu da Imprensa Eloy de Souza.

⁷ Jornal impresso matutino da cidade de Natal/RN, fundado em 1939, era publicado em formato tabloide. Encerrou sua versão impressa em outubro de 2012 e a versão na internet - Portal DNOnline - em janeiro de 2013. Pertencia ao grupo dos Diários Associados.

⁸ Jornal impresso matutino da cidade de Natal/RN, fundado em 1950 por Aluísio Alves, impresso em formato standard. É o jornal de maior circulação no Rio Grande do Norte.

Paralelo ao expediente em redação, Argemiro Lima tem seus trabalhos como *freelancer* que, de acordo o próprio fotógrafo, é o que permite completar sua renda e possibilitar que ele viva de fotografia. Segundo ele, o salário de um fotógrafo nos jornais de Natal, hoje, está em torno de mil a 1.200 reais, mas, no caso do Novo Jornal, como não há equipamentos fotográficos próprios da empresa, os repórteres fotográficos utilizam seu próprio equipamento e recebem do veículo uma quantia que funciona como uma espécie de aluguel do equipamento.

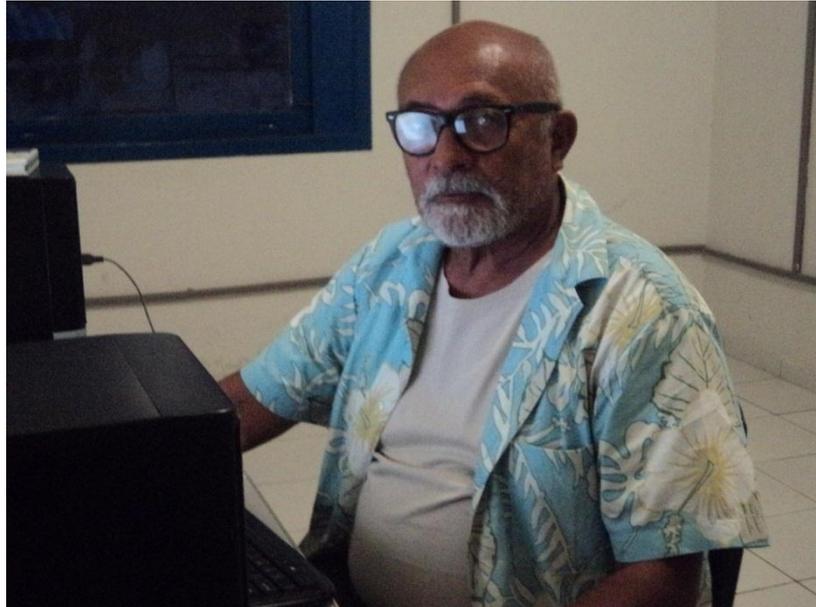


Foto 1: Argemiro Lima, repórter fotográfico do Novo Jornal. (Autor: Arthur Rocha)

Argemiro não saberia o que fazer se não fosse fotógrafo. Foi seu primeiro ofício e desde então nunca mais largou a paixão pela imagem. Ele prefere trabalhar com fotografia jornalística a fazer fotos artísticas ou publicitárias. Conta que gosta de encontrar a foto pronta na rua e captá-la através do olhar atento e apurado, ao contrário de montar a fotografia em estúdio ou locação e dirigi-la. O equipamento utilizado por Argemiro nas suas fotografias no Novo Jornal é uma Nikon D90, com duas objetivas, sendo uma de distâncias focais 70 – 200 mm e uma de distâncias focais 24 – 70 mm.

Trabalhando 5h diárias, o foto-repórter cumpre o seu expediente de 14h às 19h, mas há sempre escalas, algo comum nos veículos de comunicação, e que ele tem de cumprir, seja em finais de semana ou feriados, afinal, o trabalho jornalístico nunca para. Durante o expediente, o fotojornalista faz em média duas a três pautas e retorna à

⁹ Jornal impresso vespertino da cidade de Natal/RN, está em seu 15º ano de publicação. É impresso no formato standard e tem sede no bairro de Lagoa Nova.



redação para o processo de pós-produção, onde editará as imagens, cadastrará as informações referentes a elas e as armazenará no arquivo do jornal.

6. PAUTAS DO REPÓRTER FOTOGRÁFICO

No início da tarde, o clima na redação está voltando a engatar, uma vez que nesse horário estão saindo os repórteres do turno da manhã e entrando os do turno da tarde. Alguns estão voltando do almoço, outros entregando suas matérias finalizadas para que seja feita a edição, revisão, diagramação e impressão.

No Novo Jornal há um mural onde ficam afixadas as pautas de cada repórter de texto. Logo que adentram a redação, eles procuram por suas pautas para aquele dia. No caso dos fotógrafos, não há esse mesmo sistema. Dependendo da demanda de matérias que precisem de fotografias e o horário no qual essas pautas estão marcadas é que o chefe de reportagem vai designar o fotógrafo para o local.

Houve uma disputa pelo fotógrafo entre dois repórteres, um de polícia e outro de esporte. O chefe de reportagem Iranilton Marcolino decidiu a ida de Argemiro com o repórter de polícia para fazer as fotos que seriam mais rápidas e de lá se dirigir para o local da pauta de esportes. No entanto, no decorrer dos acontecimentos, o fotojornalista foi requisitado a fazer fotos em outro local e a pauta de esportes ficou para ser fotografada mais tarde, quando o fotógrafo do próximo turno chegasse ao jornal.

No carro, se dirigiram até o Colégio e Centro Universitário Facex¹⁰, o motorista do jornal, o fotógrafo e o repórter de texto Anderson Barbosa, que já havia feito prévio contato com a entrevistada e estava tudo certo para a entrevista no local de trabalho da psicóloga, ela também já sabia que seria fotografada.

7. PAUTA 1: A PSICÓLOGA

Chegando ao local marcado com a fonte, o motorista aguardou a volta da equipe de reportagem do lado de fora do prédio. Todos ficaram esperando na recepção até que a entrevistada chamasse para a sala particular dela. Alguns minutos sentados na recepção possibilitaram, através da entrevista aberta, tirar dúvidas com Argemiro quanto ao trabalho do fotojornalista e acerca do equipamento utilizado por ele no trabalho.

A psicóloga surge na recepção chamando a equipe para entrar em sua sala e, para surpresa de todos, ela estava se despedindo do repórter de um dos jornais concorrentes do Novo Jornal, para quem havia acabado de conceder entrevista. Fez-se

¹⁰ Instituição privada de Ensino Infantil ao Ensino Médio, que abrange também um Centro Universitário, localizados no bairro de Capim Macio, Natal/RN.



um instante de silêncio e todos se olharam até que a equipe do Novo Jornal fechou-se na sala da entrevistada. Ninguém comentou sobre o assunto, foi tudo muito amigável, mas estava visível o clima de concorrência entre os repórteres e os veículos de comunicação.

Ana Andréa Maux é psicóloga da 2ª Vara da Infância e Juventude de Natal e concedeu entrevista para falar da situação da criança de dez anos que foi agredida fisicamente e presenciou a morte da mãe e da avó dentro da própria residência, no bairro de Nova Parnamirim, região da Grande Natal.

Antes de a entrevista ter início propriamente, Andréa Maux descontraíu o ambiente ao dizer para Argemiro deixá-la bem nas fotografias, que não queria sair nas fotos falando ou com expressões estranhas. Essa preocupação de quem está sendo fotografado em não ser clicado em expressões desfavoráveis é tratada por Gisèle Freund (1995), que explica como os fotógrafos, na época em que surgiram as primeiras câmeras sem *flash*, eram criticados por personalidades públicas que não se agradavam de verem a si mesmas, nos jornais e revistas, em fotos que não fossem posadas.

No início do século XX, as fotografias de pessoas eram sempre posadas, não se concebia a ideia de fotografar retratos com expressões espontâneas. “Hoje, as pessoas procuram mostrar que estão no seu estado natural, pois as convenções fotojornalísticas actuais valorizam o espontâneo e o instantâneo” (SOUSA, 2002, p.14). As fotos de Andréa Maux eram todas do tipo retrato, mas em nenhum momento Argemiro fez fotos dela posadas, até porque iriam servir como informação imagética para agregar conteúdo a uma reportagem sobre um assunto sério, dentro de um tema de polícia/segurança.

Argemiro Lima fez as fotos de Andréa Maux em plano médio, americano e geral, tanto no sentido vertical quanto horizontal. Tem-se aí a preocupação que os fotojornalistas devem sempre ter de fotografar nos dois sentidos (vertical e horizontal) e fazer planos e ângulos diferentes, a fim de dar possibilidades ao editor de fotografia do jornal. Ao todo, o fotojornalista levou cerca de 20 minutos para fazer as fotos, deixando Anderson com a entrevistada e voltando para o carro com destino à pauta de esporte.

Nas fotos de Andréa Maux, tratava-se de um ambiente pequeno e fechado, com iluminação artificial e mal iluminado. Argemiro não utilizou filtros nem *flash*. O espaço reduzido dificultou um pouco os enquadramentos por parte do fotógrafo pela distância que ele precisava entre a objetiva e o referente.

Não houve recomendações ou interferências por parte do repórter de texto no trabalho do repórter fotográfico. Os dois mantiveram relação amistosa durante toda a pauta, principalmente no percurso da redação até o encontro com a entrevistada. Neste

caso, as funções de repórter de texto e foto não se concentraram sob a responsabilidade da mesma pessoa, o que é uma característica de trabalho do Novo Jornal, e permitiram que Argemiro ficasse livre para fazer o seu trabalho enquanto Anderson apurava as informações com a fonte. “Se ao mesmo tempo em que se retrata um personagem um jornalista-redactor lhe estiver a fazer uma entrevista, o fotojornalista poderá trabalhar mais livremente e beneficiar da distração e de um comportamento mais natural do retratado” (SOUSA, 2002, p.122-123).

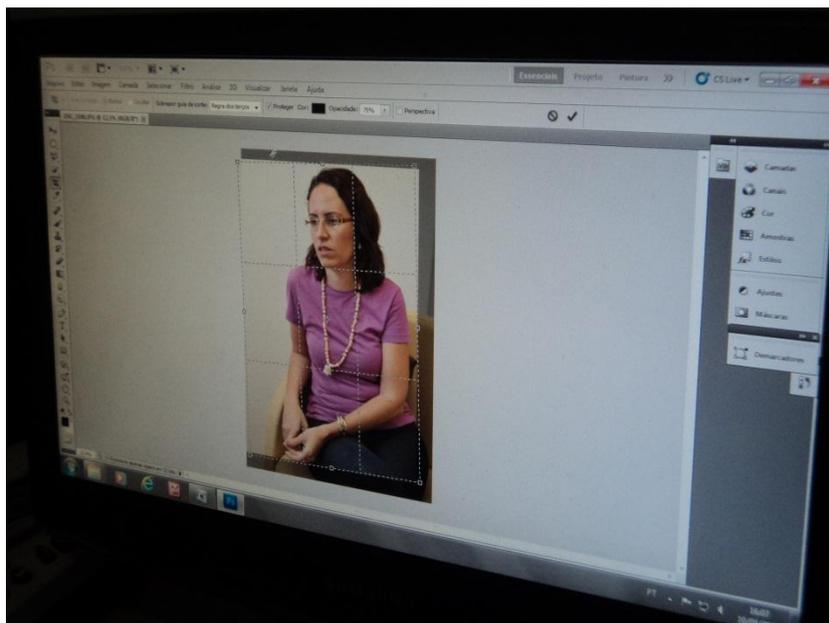


Foto 2: Fotografia da psicóloga Andréa Maux em edição no *Adobe Photoshop*. (Autor: Arthur Rocha)

As fotos da psicóloga foram feitas com ISO 1250, tempo de exposição de 1/50, abertura do diafragma (f) igual a 5,6. Foram feitas com a câmera sob o ponto de vista normal, na altura da entrevistada, que se encontrava sentada durante todo o trabalho dos repórteres. Posteriormente, Argemiro utilizou o *Photoshop* para pequenas edições nas fotos, como cortes, saturação, balanço de cor, brilho e contrastes. A foto da psicóloga saiu na edição do dia seguinte (11 de maio de 2012), no segundo caderno, na editoria de Cidades, em preto e branco, página 11. A foto foi cortada quadrada, com 9,5 cm de lado e vazando duas colunas do jornal.

8. PAUTA 2: O PRESIDENTE DA ECOCIL

Deixando a Facex, Argemiro entrou em contato com o chefe de reportagem da tarde Marcos Bezerra. A equipe foi informada que a matéria de esporte seria só no fim do dia e já havia outro fotojornalista para cobri-la. A equipe se destina então ao escritório da empresa de construção civil Ecocil, no bairro da Candelária, em Natal.

Argemiro desta vez não estava acompanhado por nenhum repórter. A foto agora era do presidente da Ecocil, Silvio Bezerra. O click seria para compor a edição especial dos 40 anos da coluna Roda Viva, do diretor do Novo Jornal Cassiano Arruda. Após uns 20 minutos de espera na recepção, que serviram para Argemiro contar de sua iniciação na fotografia, o fotojornalista entrou na sala do presidente. A fotografia foi em ambiente fechado e com iluminação artificial. O fotógrafo não utilizou *flash* nem filtros. A foto foi dirigida, o que a distanciou da ideia de fotojornalismo. Também por se tratar de uma fotografia ao estilo das fotos das colunas sociais, provoca-se o afastamento do factual.

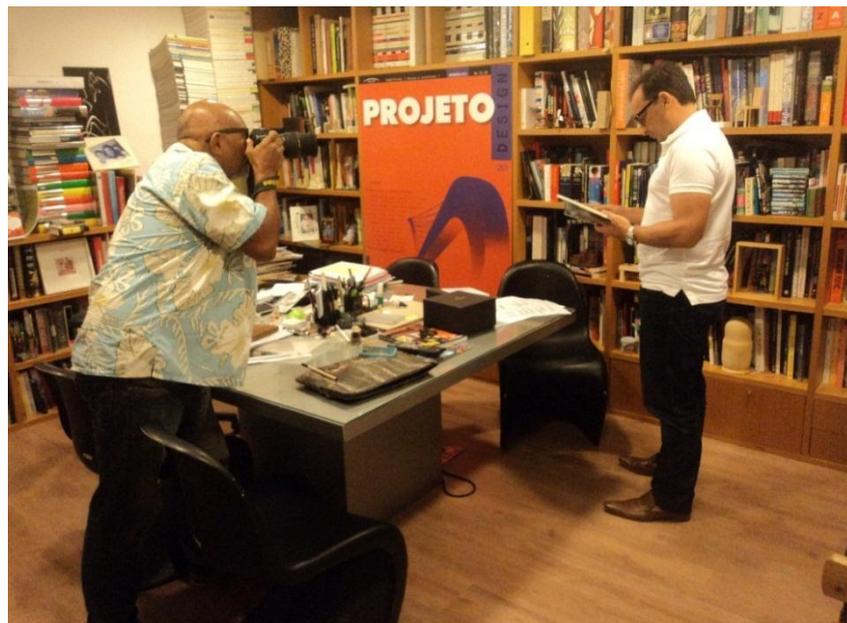


Foto 3: Argemiro fotografa o presidente da Ecocil Silvio Bezerra para comemoração dos 40 anos da coluna Roda Viva, de Cassiano Arruda Câmara, diretor do Novo Jornal. (Autor: Arthur Rocha)

Foi sugestão de Argemiro a posição do fotografado, postura, a ideia de segurar um livro etc. As fotos foram feitas no ambiente comum ao fotografado - seu próprio escritório - com a finalidade de construir significação com os elementos presentes no local (livros, computador, mesa de reunião, material de expediente, estantes), “certos objectos presentes no ambiente podem reforçar visualmente o retrato e contribuir para a identificação dos sujeitos fotografados” (SOUSA, 2002, p.123).

As fotografias do tipo retrato, como no caso do presidente da Ecocil, exigem que o foto-repórter disponha de tempo, pois “é preciso variarem-se as posições, os pontos de vista, os planos, a iluminação, os ambientes, etc. até que se possa dizer ‘está feito!’”. (SOUSA, 2002, p.122). As fotos duraram cerca de 20 a 30 minutos e foram feitas com ISO 125, tempo de exposição igual a 1/60 e abertura do diafragma igual a 4,5. Os



planos foram médio, geral e americano. As fotos também foram feitas na vertical e horizontal para facilitar o trabalho do editor e da diagramação.

Tirar fotos para veículos de comunicação com o fotografado em poses é uma opção que varia de fotógrafo para fotógrafo e de pauta para pauta. A pose permite a possibilidade de se impor um sentido à imagem, mas se perderá em naturalidade e espontaneidade. “A decisão cabe ao fotojornalista, mas este também pode deixar isso ao critério do retratado (...). A evitar são os clichés do homem de negócios a falar ao telefone ou a trabalhar no computador ao mesmo tempo que olha para a câmara” (SOUSA, 2002, p.122), contudo a foto de Silvio Bezerra se encaixa exatamente na ideia que o jornal quis passar, do importante homem de negócios, intelectual, culto, ocupado.

A fotografia do presidente da Ecocil foi veiculada no dia 19 de maio de 2012, no caderno especial de comemoração aos 40 anos da coluna Roda Viva, na página 34, em cores. A foto saiu com 14,5cm de largura por 13,5cm de altura.

9. PAUTA 3: A REDAÇÃO DO NOVO JORNAL

Saindo da Ecocil, o motorista já esperava o repórter fotográfico para levá-lo de volta à redação. O repórter de texto já estava no carro voltando da entrevista com a psicóloga. No Novo Jornal, há uma sala com dois computadores para uso restrito dos fotojornalistas, é lá onde são armazenadas as fotos e feita a pós-produção.

O fotojornalista “é diariamente confrontado com serviços inesperados e com serviços de pauta dos quais só toma conhecimento quando chega ao local de trabalho” (SOUSA, 2002, p.8) e foi nesse retorno à redação, enquanto já descarregava as fotos de Andréa Maux e Silvio Bezerra, que Argemiro recebeu a incumbência de fotografar a redação do Novo Jornal para compor a matéria sobre o resultado da pesquisa feita pela Associação Nacional dos Jornais, que apontou o Novo Jornal com o terceiro no país com maior crescimento em assinaturas (51%) no ano de 2011.

Mais uma vez, o ambiente era um local fechado com iluminação artificial, mesmo assim, Argemiro não utilizou *flash*, como em todas as demais fotografias do dia. Ele não costuma, assim como os fotógrafos mais tradicionais e antigos, utilizar *flash* e filtros nas suas fotos, a câmera é sempre configurada manualmente de modo a dar o ganho na iluminação que se tenha no local.

Não houve qualquer contato entre repórter de texto e fotógrafo nesta pauta, pois enquanto Argemiro estava externo à redação foi escrita a matéria intitulada “Novo agora no pódium”. Ele sequer sabia detalhes da matéria, apenas o suficiente para fazer uma



foto em plano aberto, mostrando o funcionamento da redação do Novo Jornal. Compor uma imagem na pressão do *dead line* nunca é fácil. Argemiro não tinha tanto tempo para fazer a foto da redação, descarregar todas as fotos do dia no computador, selecionar as imagens que seriam impressas no jornal dentre as tantas tiradas, tratá-las nos programas de edição gráfica e registrá-las no arquivo fotográfico digital do jornal.

Os fotojornalistas trabalham com base na linguagem do instante, como diz Jorge Pedro Sousa (2002), procurando condensar numa única imagem toda a essência de um acontecimento e o seu significado. Argemiro tinha a missão de mostrar numa única foto todo o funcionamento da redação do Novo Jornal, referencial escolhido para compor a matéria, uma vez que a redação é o coração e a alma de qualquer jornal impresso.

As fotos foram feitas com ISO 125, tempo de exposição 1/60 e abertura do diafragma 5,6. A imagem da redação do Novo Jornal entrou na edição de 11 de maio de 2012, no segundo caderno, editoria de Cidades, em cores, página 9, com 14,5cm de comprimento e 5,5cm de altura, ocupando três colunas.

10. DE VOLTA À REDAÇÃO

Após passar todas as fotos da câmera para o computador, Argemiro fez pequenos ajustes nas fotografias, utilizando o *software Adobe Photoshop*. São ajustes de cor, contraste, brilho, saturação e cortes para um mais aprimorado enquadramento. A utilização crescente das novas tecnologias de tratamento digital de imagens enfatiza, como aponta Jorge Pedro Sousa (1998), o debate sobre a manipulação imagética.

Contudo, é necessário fazer a distinção entre tratamento e manipulação de imagens. Os ajustes que Argemiro fez nas fotos do Novo Jornal não produzem outro sentido diferente do que originalmente a imagem captada possuía, o que caracteriza a edição como tratamento de imagem. Quando o contrário acontece, ou seja, a edição gráfica produz um sentido novo à fotografia original, a foto passou pelo processo de manipulação. Uma das formas mais comuns de manipular imagens é a través da montagem, introduzindo ou retirando elementos da foto original.

Os fotógrafos do Novo Jornal usam também o *Adobe Bridge*, que é um *software* de gerenciamento de itens digitais usado para agregar, na própria fotografia, informações como título, autoria, local onde foi tirada, equipamento etc. Em qualquer lugar do mundo onde a foto for vista ou acessada digitalmente, é possível descobrir essas informações que passam a fazer parte da imagem, agregadas. Esse programa de computador atende a questões éticas no que tange ao direito de imagem (ou direito de

autor), “que passa pelo direito à criatividade, à inovação e à originalidade, pelo direito à assinatura e pelo direito e imperativo ético-deontológico do controle dos autores sobre a edição de imagens fotojornalísticas” (SOUSA, 2002, p.31).



Foto 4: Argemiro Lima descarrega fotos para computador da redação. (Autor: Arthur Rocha)

Argemiro é fotógrafo antigo, vivenciou no seu trabalho a mudança e evolução das tecnologias da fotografia, como do analógico para o digital. Quando emergem novas tecnologias as rotinas produtivas se alteram, foi assim com as câmeras, com os suportes de imagem (vidro, chapa, filme, cartão de memória) e com os processos de impressão.

As inovações tecnológicas foram provocando, por vezes conflituosamente, a necessidade de readaptação constante dos fotojornalistas a novos modelos e convenções, a novas rotinas produtivas, a novas táticas e estratégias profissionais de colheita, processamento, selecção, edição e distribuição de foto-informação. (SOUSA, 2002, p.33)

Para não ficar ultrapassado, Argemiro pagou para um técnico da área ensiná-lo a utilizar o *Photoshop*. Ele não quis fazer cursos como os que têm aos montes no mercado a fora, porque seu interesse no programa de edição era apenas para o que lhe pudesse ser útil no trabalho como fotógrafo, algo bem pontual e específico.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profissão do fotojornalista pode ser considerada uma das mais versáteis. No entanto, no Brasil, não há formação específica para esses profissionais, como em outros países conhecidos por grandes escolas de fotografia. O fotojornalista brasileiro, no



geral, não tem formação acadêmica na área ou veio da formação como comunicador, principalmente em jornalismo.

Através da experiência relatada foi possível refletir sobre a prática do fotojornalismo num jornal diário e compreender que essa vivência pode revelar fragilidades sobre o desenvolvimento da atividade. Essa experiência permitiu ir além da sala de aula, fazendo relações entre a teoria e a prática, através da análise crítica sobre os fatos e ações observadas. A experiência evidenciou como é relevante o conhecimento do fotojornalismo aos comunicadores sociais, uma vez que a imagem fotográfica é um instrumento imprescindível à prática jornalística.

Cursar a disciplina de Fotojornalismo e poder acompanhar o trabalho de um repórter fotográfico é, sem dúvidas, enriquecedor. Fazer contatos e conhecer pessoas novas na redação, fotógrafos com anos e anos de vivência, como Argemiro Lima, é achar um baú repleto de histórias e experiência das mais interessantes.

A realidade do mercado para o fotojornalista num estado como o Rio Grande do Norte ainda é ruim. As redações pagam mal, é necessário sempre manter contatos e trabalhos como *freelancer* a fim de manter uma boa renda. Fotógrafos de moda, fotografia artística e de revistas de grande circulação nacional costumam ainda ter maior valorização financeira aliada ao prestígio profissional.

As novas tecnologias promovem mudanças muitas vezes drásticas no trabalho fotográfico e os profissionais que não se atualizam perdem espaço no mercado. A questão da edição de imagens sempre será polêmica, contudo, não se pode tratar com a mesma responsabilidade os retoques e a manipulação de imagens. Argemiro Lima é um fotógrafo que faz bom uso dos programas de edição de imagens, seja para melhorar a saturação de uma fotografia ou para garantir seu direito autoral.

REFERÊNCIAS

FREUND, Gisèle. **Fotografia e sociedade**. 2. ed. Tradução de Pedro Miguel Frade. Lisboa: Veja, 1995.

KUBRUSLY, Cláudio A. **O que é Fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2002.

VIANNA, Heraldo M. **Pesquisa em Educação: a observação**. Brasília: Líber Livro, 2007.